



# O FANTÁSTICO EM *A TRAVESSIA DOS SEMPRE VIVOS* DE TEREZA ALBUES: A (RE)(DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA<sup>1</sup>

THE FANTASTIC IN *A TRAVESSIA DOS SEMPRE VIVOS* BY TEREZA ALBUES:  
THE (RE)(DES)CONSTRUCTION IDENTITY

---

Jesuino Arvelino Pinto<sup>2</sup>

Julianna Alves Bahia<sup>3</sup>

---

Artigo submetido em: 12 set. 2021

Data de aceite: 16 nov. 2021

Data de publicação: 20 dez. 2021

**RESUMO:** Este trabalho propõe refletir acerca da (re)estruturação das memórias individuais e coletivas na (re)(des)construção identitária da personagem Taisha, elemento catalisador da trama do romance *A travessia dos sempre vivos* de Tereza Albués. Os fatos são apresentados ao leitor por Taisha, que empreende verdadeira peregrinação em busca de informações sobre a vida de João Pedro, posteriormente conhecido sob a alcunha de João Padre, e reconstitui os passos do bisavô, ouvindo pessoas que conviveram ou tiveram algum tipo de relação com ele. Esse percurso da protagonista ultrapassa a história de João Pedro, culminado na busca pelo autoconhecimento. As memórias resgatadas pela narradora conduzem a um processo de reflexão sobre sua própria história, para firmar a sua identidade como sujeito.

**Palavras-chave:** Identidade. Memória. Travessia. Tereza Albués.

**ABSTRACT:** This work proposes to reflect on the (re)structuring of individual and collective memories in the (re)(de)construction of identity of the character Taisha, a catalyst for the plot of Tereza Albués novel *A travessia dos sempre vivos*. The facts are presented to the reader by Taisha, who undertakes a real pilgrimage in search of information about the life of João Pedro, later known under the nickname João Padre, reconstructs the steps of his great-grandfather, listening to people who lived or had some kind of relationship with he. This path of the protagonist goes beyond the story of João Pedro, culminating in the search for self-knowledge. The memories rescued by the narrator lead to a process of reflection on her history, to establish her identity as a subject.

**Keywords:** Identity. Memory. Crossing. Tereza Albués.

---

<sup>1</sup> Texto orientado pelo Prof. Dr. Jesuino Arvelino Pinto, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, Brasil.

<sup>2</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/2044195183122422> / <https://orcid.org/0000-0003-4900-8292>

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop-MT, Brasil. <http://lattes.cnpq.br/7521528138611273> / <https://orcid.org/0000-0003-3722-342X>





## INTRODUÇÃO

A narrativa *A travessia dos sempre vivos*, de Tereza Albues, apresenta Taisha, a protagonista, como elemento catalisador da trama. A bisneta de João Pedro, também conhecido sob a alcunha de João Padre, decide deixar sua casa e visitar o lugar onde seu bisavô passou uma parte importante de sua história. Nesse sentido, Taisha parte em direção à cidade de Livramento e arredores em busca de informações sobre os vários mistérios que envolviam a vida de João Padre. “Levanta, Taisha, a tua parte neste avanço é imitação do que viveu João Padre, continue até que tenhas o sabor de tocar de leve a sua agonia” (ALBUES, 2019, p. 51).

Como Tereza Albues ainda não é uma escritora conhecida nacionalmente, convém fazer uma breve apresentação. Caracterizada como “escritora em tom maior” (COELHO, 2002, p. 614), Albues nasceu, no ano de 1936, em Várzea Grande, no estado do Mato Grosso, falecendo em 2005, em Nova York, nos Estados Unidos. Morando em outro país, Albues escreveu todas as suas obras. Mesmo estando distante da sua terra natal, a escritora utilizou a paisagem mato-grossense como inspiração na maioria de suas narrativas.

De origem humilde, com uma infância sofrida, passou por muitas adversidades. Ainda jovem, após tantas atribuições, Tereza Albues foi morar no Rio de Janeiro, onde cursou as faculdades de Letras, Direito e Jornalismo. Anos mais tarde, na década de 1980, mudou-se para os Estados Unidos, estabelecendo residência primeiramente em São Francisco e depois em Nova York.

Enquanto morava fora do seu país de origem, Albues escreveu os romances: *Pedra canga* (1987), *Chapada da palma roxa* (1990), *A travessia dos sempre vivos* (1993), *O berro do cordeiro em Nova York* (1995), *A dança do jaguar* (2000) e uma coletânea de contos, *Buquê de línguas* (2008), sendo essa última, responsável pela Menção Honrosa recebida pela escritora no concurso de contos Guimarães Rosa, com *Buquê de línguas*, conto homônimo. Tal evento foi



organizado pela *Radio France Internationale*, em 1999, na cidade de Paris. Vale informar também que, em 2013, o *Brazilian Endowment for the Arts (BEA)* concedeu a Tereza Albués o título de Patrona Perpétua das Letras Brasileiras em Nova York.

## O FANTÁSTICO

Considerando a presença frequente do insólito na produção literária de Albués, convém esclarecer alguns conceitos relacionados ao estudo da literatura fantástica. No entanto, antes de elucidar tais definições, é conveniente mencionar que esse tipo de narrativa passou a ser um estilo muito utilizado entre os escritores, especialmente nas últimas décadas do século XX, por serem histórias que despertam a curiosidade do leitor em geral. Todavia, esse tipo de literatura não é algo novo, teria surgido entre os séculos XVIII e XIX, tendo continuidade no século XX, passando por algumas alterações em suas características.

Em um primeiro momento, no que tange ao estudo sobre a literatura fantástica, é importante diferenciar as características do estranho, do fantástico e do maravilhoso. Para isso, deve-se recorrer a Tzvetan Todorov, o precursor dos estudos a respeito de literatura fantástica. O filósofo e linguista, em seu livro *Introdução à literatura fantástica*, esclarece que o estranho é o sobrenatural explicado pelas leis da razão; o fantástico é a presença do sobrenatural, mas não podendo ser explicado; e o maravilhoso, por sua vez, é o sobrenatural aceito, sem questionamentos da sua veracidade. Considerando que o limite entre esses três gêneros é mínimo, Todorov assevera que cabe ao fantástico a característica de se localizar no limite dos dois gêneros, ocorrendo em circunstâncias permeadas de incertezas: "O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face um acontecimento aparentemente sobrenatural" (TODOROV, 1975, p. 31). No romance *A travessia dos sempre vivos*, nota-se essa sensação de hesitação mencionada pelo estudioso.

Bati palmas na porta do casarão, ô de casa, abriram, uma senhora idosa acompanhada dum jovem muito bonito, louro de olhos verdes, em silêncio me olharam. Eu disse, Marta Corá me convidou pra passar a noite na fazenda, encontrei com ela na porteira, já vem vindo. Os dois me olharam espantados um para o outro, a senhora continuou muda, o rapaz se adiantou e disse, a moça tá enganada, dona Marta

Corá já morreu, tá fazendo um ano, hoje exatamente, mas a moça pode ficar, tem muitos quartos na casa. (ALBUES, 2019, p. 19)

Outros pesquisadores também abordam de forma aprofundada esse tipo de literatura tão utilizada por muitos escritores atualmente. Filipe Furtado concorda com Todorov em muitos pontos, no entanto, afirma que a principal característica da literatura fantástica é a ambiguidade proporcionada ao leitor. Segundo o estudioso português, as incertezas suscitadas ao longo da narrativa fantástica não podem em nenhum momento ser esclarecidas. Nesse sentido, o crítico observa que: “É, portanto, a criação e, sobretudo, a permanência da ambiguidade ao longo da narrativa que principalmente distingue o fantástico dos dois gêneros que lhe são contíguos” (FURTADO, 1980, p. 36); e conclui: “Assim, um texto só se inclui no fantástico quando, para além de fazer surgir a ambiguidade, a mantém ao longo da intriga” (p. 40).

Selma Calasans Rodrigues, por sua vez, analisa os conceitos trabalhados inicialmente por Todorov, porém a estudiosa acrescenta o aspecto do fantástico *stricto sensu*, “o que determina a fantasticidade *stricto sensu* é exatamente a brecha deixada pela narrativa ao inserir no enunciado a pergunta: Será ou não sonho? Ou seja, uma indagação sobre os limites entre o sonho e o real” (RODRIGUES, 1988, p. 33-34). A estratégia é utilizada por Tereza Albués em *A travessia dos sempre vivos*:

Com o som da voz de Cipriano ainda ecoando, adormeci na beira do córrego. Quando acordei vi que o barranco desaparecera, eu tinha sido transportada para longe, me descobri numa elevação de terra coberta de vegetação, uma pequena ilha, único lugar que não havia sido invadido pelas águas que avolumaram inexplicavelmente durante a noite. (ALBUES, 2019, p. 81)

Ainda sobre a literatura fantástica, David Roas defende que o medo deve estar presente nas narrativas que permeiam essa zona do fantástico, causando uma perplexidade no leitor, fazendo-o questionar sobre a veracidade dos fatos, e por fim não encontrando a elucidação para tais incertezas. É importante salientar que o próprio estudioso admite que a palavra medo não seria a mais adequada, mas que no momento, por comodidade, ele a usaria. De acordo com Roas, “para começar, devo dizer que esse é um tempo problemático, sobretudo pela confusão que se produziu no uso comum entre termos amiúde considerados sinônimos: medo, terror, inquietude, angústia, apreensão, desconcerto ou inquietante estranheza” (ROAS, 2014, p. 135). Em *A travessia dos sempre vivos*, o “medo ancestral” (ALBUES, 2019, p. 47) domina Taisha e impede a evolução da

personagem em busca do auto conhecimento:

De repente sou empurrada para a estrada, não sei se pelo vento ou a cabeça de uma fera felpuda, o macio nas minhas costas nem olhei para trás, estava aprendendo a conviver com o inusitado, a me desvencilhar do medo ancestral que bloqueia a nossa evolução. (ALBUES, 2019, p. 67)

Portanto, segundo Roas, o sobrenatural é elemento essencial nesse tipo de literatura. Nas histórias escritas por Tereza Albues, nota-se não só essa sensação de incerteza citada por Todorov, a ambiguidade defendida por Furtado, mas também as inquietações mencionadas por Rodrigues, além de situações que despertam o medo, causado, muitas vezes, pelo desconhecido, como aponta Roas. São histórias envolventes que estão no limite do real com o irreal, cujos elementos insólitos contribuem para os momentos de reflexão de Taisha e consequentemente a levam a um processo de evolução:

Tomei um susto danado, imediatamente selei o cavalo e já estava colocando as esporas quando vi João Padre passar com uma braçada de livros, o cajado de canela, roupa branca, turbante branco, parou, me olhou, me cumprimentou sério, respondi, não tenho dúvidas, era ele em carne e osso, apenas não conversamos porque “el brujo” era assim, tinha dia que estava pra prosa, tinha dia que virava mudo, fechava a cara, dava até medo. (ALBUES, 2019, p. 104, ênfase no original)

São nos momentos que tais acontecimentos sobrenaturais surgem na narrativa, ligados ao místico e à espiritualidade, que se percebem os elementos da literatura fantástica. São histórias envolventes e que estão no limite do real com o irreal, cujos elementos insólitos contribuem para os momentos de reflexão de Taisha, construindo novas perspectivas de vida, de personalidade, e consequentemente conduzindo-a a um processo de evolução.

## A (RE)(DES)CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM *A TRAVESSIA DOS SEMPRE VIVOS*

Outras características marcantes na obra albuesana são o misticismo, o espiritualismo e a busca por um autoconhecimento. De acordo com Hilda Magalhães (2001), essa era uma prática recorrente nas décadas de 1980 e 1990, por influência das novas tendências da época, como a valorização de diferentes religiões e do místico-esotérico. Segundo Nelly Novaes Coelho, em sua obra, a busca pelo conhecimento metafísico apresenta-se por intermédio de personagens que peregrinam em uma “busca do eu essencial, a ser descoberto como parte integrante do outro ou do cosmo” (COELHO, 2002, p. 615).

É exatamente nessa perspectiva de peregrinação e deslocamento que se enquadra a obra *A travessia dos sempre vivos*. “Parti imediatamente (...) virei andarilha, estradas não teriam segredos para meus pés” (ALBUES, 2019, p. 20). A narrativa enreda o leitor em uma atmosfera mística, permeada de mistérios. Os fatos são apresentados por Taisha, que empreende uma verdadeira peregrinação em busca das verdades sobre a vida de seu bisavô, João Pedro. Para isso, ela reconstitui os passos do bisavô, ouvindo quem conheceu ou conviveu com o padre que abandonou a batina para casar-se com a ex-escrava Teodora. “É na estrada que hei de encontrar a verdade sobre João Padre, longo e demorado será o percurso do aprendizado que iniciei, ainda não estou preparada, devo buscar dentro de mim o caminho que me levará até ele” (ALBUES, 2019, p. 88).

Os capítulos do livro são divididos, ora narram a peregrinação de Taisha, ora contam a vida de João Pedro e Teodora depois de casados. A pequena população de Livramento ficou chocada, alguns ficaram indignados com a atitude do padre. Diante dos preconceitos, dos olhares maldosos, das fofocas e das humilhações que o casal sofrera, o fim de João Pedro foi à loucura. Por muito tempo ele se questionou por que Deus o abandonou? Em meio aos conflitos internos da personagem, ele “vivia angustiado, deprimido, tanta repressão e ofensa causavam revolta, nojo, raiva” (ALBUES, 2019, p. 60).

Durante sua passagem por Livramento, um dos recursos usados por Taisha para coletar dados/informações para sua pesquisa, foi ouvir àqueles que participaram da vida de João Padre. Conforme explica Halbwachs: “Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos permaneçam obscuras” (HALBWACHS, 1990, p. 25). O sociólogo francês, embora afirme que as testemunhas não sejam essenciais para a validação de uma memória, destaca a importância delas para a confirmação de uma lembrança, pois:

(...) uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos daquilo. (HALBWACHS, 1990, p. 27)

Dessa forma, Taisha utilizou-se das lembranças e memórias que o povo daquele pequeno vilarejo tinha de João Pedro, para recuperar as suas lembranças, para reforçar tudo aquilo que sempre foi dito sobre seu bisavô e que vinha confirmar as crenças que ela própria tinha dele. O fato de a memória ser o lugar onde está guardado tudo que vivemos, os frutos das relações sociais, além de preservar as experiências vividas, confirma a ideia de que tudo contribui de maneira significativa na construção da identidade do sujeito, não sendo diferente com a bisneta de João Pedro. A partir do momento que ela decidiu refazer o percurso do seu bisavô, ela sabia que não voltaria a mesma pessoa para casa. Seria outra, física e psicologicamente: “Meus cabelos cresceram, minha pele tornou-se curtida de sol, meus olhos esverdearam, muitos reconheciam em mim os traços de João Padre. Me envaidecia, me preocupava, a semelhança” (ALBUES, 2019, p. 20).

Partindo desse pressuposto, Maurice Halbwachs afirma que a memória individual de cada sujeito é influenciada pela memória coletiva de um grupo, pois o ser humano carrega consigo tudo aquilo que viveu e/ou presenciou em uma determinada sociedade ao longo de sua existência. Dessa forma, a memória individual precisa da coletividade para existir, para se estabelecer, porque somos constantemente influenciados pela memória do outro, construindo um conjunto de práticas a partir dessa influência. Corroborando com essa ideia, Jacques Le Goff assevera que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1990, p. 476).

Além disso, um sujeito é constituído a partir de um contexto social, não é um ser totalmente isolado, constrói a memória individual a partir do social, e o social é coletivo. A personalidade é formada a partir das experiências, e conseqüentemente, das memórias. Com o passar do tempo, essa personalidade vai se alterando, posto que ninguém é o mesmo sempre. Mudamos de acordo com as experiências passadas no percorrer da vida, porque o ser humano é mutável, assim como suas memórias. Foi por isso que Taisha decidiu mudar a estratégia. Ela “acreditava haver uma razão de estar seguindo um caminho tão diverso do planejado por aquela moça que escrevia comodamente instalada em Livramento embora fosse idêntico o nosso objetivo” (ALBUES, 2019, p. 20).

Nesse pressuposto, percebe-se o conceito de identidade definida por Stuart Hall. A concepção do homem pós-moderno, segundo o sociólogo, não possui uma identidade única e definida, pelo contrário, a identidade seria construída de acordo com suas experiências, com o contato feito ao longo da vida, em diferentes situações e sociedades. Ainda, consoante o estudioso, a identidade desse homem pós-moderno pode ser modificada no decorrer dos anos, totalmente influenciada pelo meio que o cerca. Segundo Hall:

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...). Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre sendo formada. (HALL, 2006, p. 38, ênfase no original)

Essa definição sobre a construção da identidade do homem pós-moderno está em constante transformação, defendida por Hall, contraria outros conceitos tidos como verdades séculos atrás. Nem sempre se acreditou nisso. Anteriormente, de acordo com a concepção do sujeito Iluminista, entendia-se que o homem era um ser único, cuja identidade nascia com ele, e nunca ou pouco se alterava ao longo de sua vida. Uma ideia muito individualista que, segundo Hall, está:

(...) baseada numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia em um núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou “idêntico” a ele ao longo da existência do indivíduo. (HALL, 2006, p. 11, ênfase no original)

Outra concepção de identidade contestada por Hall é aquela definida como sujeito sociológico. Essa concepção, por sua vez, defende que a identidade do homem sofre mudanças ao longo de suas experiências, no entanto, ela parte do pressuposto de uma identidade central, nascida com ele. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2006, p. 11, ênfase no original). As transformações que a própria Taisha sofreu ao longo de sua jornada descarta essa ideia de “eu real” engessado. Ela sentia que o seu “eu anterior” (ALBUES, 2019, p. 85) mudaria: “Como pretendia alcançar o voo de João Padre, pássaro arisco-raro-veloz sem me arriscar no salto mortal, perder de vista o chão, me

perder de mim e me encontrar em outra pessoa que de dentro de mim não ousava arrancar?” (ALBUES, 2019, p. 85).

Ainda de acordo com Hall, a ideia da formação identitária do homem pós-moderno está sujeita a constantes alterações, o que é totalmente aceitável e justificado, visto que desde o advento da Modernidade o mundo sofreu constante evolução, com grandes mudanças nas áreas econômicas, política e social, e tudo isso, conseqüentemente, afetaria o homem e a construção da sua identidade. Seria impossível não perceber, sentir essa influência, pois

(...) um tipo de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (HALL, 2006, p. 9)

Percebe-se, portanto, que o percurso da protagonista ultrapassa a história de João Pedro, culminando na busca pelo seu autoconhecimento. As memórias resgatadas por Taisha conduzem a um processo de reflexão sobre sua história, para firmar a sua identidade enquanto pessoa. Força, coragem e determinação são características bem demarcadas em Taisha, ao enfrentar, sozinha e de maneira tão destemida, conflitos e situações desafiantes e assustadoras como seres sobrenaturais, assombrações, lugares ermos e pessoas desconhecidas. Em alguns momentos da narrativa a própria Taisha se questiona a respeito do verdadeiro objetivo da sua busca:

Por que sigo as pegadas de João Padre? Sofro intensamente saudades de casa, dos amigos, o conforto do meu quarto, lençóis frescos, a comida quente e saborosa das mãos de Deolinda nossa empregada desde que eu tinha três anos. Enfrento diariamente dificuldades, temores, perigos, estou em busca de quê? De bisavô ou de mim? (ALBUES, 2019, p. 50)

Diante de tal questionamento, percebe-se a necessidade de Taisha se autoconhecer, de se encontrar, de repensar a sua identidade a partir das experiências de seu bisavô. Com base nas memórias coletivas e individuais das pessoas que conviveram com João Pedro, a protagonista vai montando um quebra-

cabeça, desvendando mistérios de sua própria existência, e conseqüentemente, se refazendo, se reconstruindo física e espiritualmente. Dessa forma, a memória individual de Taisha precisava, por algum motivo, da memória coletiva do povo que fazia parte da vida de seu bisavô, para se firmar, para se estabelecer. Confirmando, dessa maneira, a prerrogativa de que somos constantemente influenciados pela memória do outro, construindo um conjunto de práticas a partir dessa influência.

Em relação a ida de Taisha até Livramento, está ligada ao fato de que ela não conheceu o seu bisavô. “Mas eu não sou ele, por que pretender agregar o meu destino a de um homem que eu nem conheci?” (ALBUES, 2019, p. 50-51). Tudo que ela sabe sobre ele é o que outras pessoas contaram, as memórias de seus familiares, as experiências deles. Nesse sentido, sobre a necessidade de Taisha ir até o local onde João Padre viveu, pode-se recorrer à ideia de “memória do local” (ASSMANN, 2011, p. 317) defendida por Aleida Assmann. Nota-se em *A travessia dos sempre vivos* a possibilidade de Taisha poder sentir a essência do local por onde João Pedro passou, e também comprovar que o local poderia revelar muitos mistérios. Nesse sentido, Assmann aponta para a “possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos” (ASSMANN, 2011, p. 317).

Diante dos fatos narrados na obra, percebe-se que refazer o percurso João Padre foi muito importante para Taisha. Ela sabia que ir até o local, conversar com as pessoas, ouvir os relatos, esclareceria muitas incertezas que ela carregava consigo. Mesmo que esses relatos tivessem divergências, visto que cada um tinha um fato curioso para contar sobre o enigmático padre.

Sofregamente recolhia informações, não queria perder um único detalhe de sua vida, fascinada. Tantas vezes as revelações foram por demais dolorosas que meu coração recuava, parecia não aguentar beber da fonte genuína os mistérios que se abriam em toda a plenitude à medida que eu avançava, indagava e também era questionada no que estava tentando realizar. (ALBUES, 2019, p, 20)

Outro objetivo de Taisha era escrever um livro sobre João Padre. No entanto, ela queria ir além do que haviam lhe contado, saber dos detalhes. Por isso escolheu refazer o caminho sozinha e tirar suas próprias conclusões. Assim que Taisha começou sua peregrinação, recebeu este conselho:

(...) apague da memória tudo o que até agora lhe disseram, escute. Tome o caminho de peregrinação do seu bisavô, acompanhe as dobraduras das águas e montanhas, ouve a fala dos moradores da estrada, dos sítios, rincões e fazendas, tente reconstruir a trajetória dele até a Colina de Amah onde ele há de se mostrar para você se tiver querência. (ALBUES, 2019, p. 20)

A cada trajeto percorrido, a cada pessoa encontrada, a cada diálogo realizado, Taisha se deparava com uma versão sobre a história de seu bisavô. Para alguns um mito, para outros um bruxo, um grande pecador, pois desagradou a Deus, após abandonar o sacerdócio. Nesse sentido, encontra-se a ideia defendida por Beatriz Sarlo (2007), de que é difícil representar a memória fidedignamente, cada narrador coloca no seu relato o seu jeito de ver as coisas e os acontecimentos, e mais, que o elemento imaginativo é extremamente relevante para a representação da memória. Diante de tais colocações, convém destacar, que independente da forma como João Pedro era rememorado, o fato é que ele foi uma figura muito representativa na cidade de Livramento e arredores, todos tinham algo a dizer, a contar do jovem padre:

Quem irá de se levantar neste mundo para agrupar palavras, reescrever a história vivida na vida de João Padre, gênio, visionário, homem fora de seu tempo, transgressor da monotonia, linha avançada dum era que não aparecia nos sonhos das elites sem tempo a perder com abstracionismos. (ALBUES, 2019, p. 117)

A respeito das diferentes histórias que Taisha ouviu sobre seu bisavô, é importante destacar também o que Ricoeur (2007) discorreu sobre até que ponto o testemunho pode ser confiável. Para o filósofo, basta que uma pessoa aceite aquele relato como verdade, a partir daí o testemunho pode ser validado. Então, a protagonista da narrativa vai levar consigo aquilo que está mais próximo do que ela sempre acreditou ou pensou sobre João Padre. Cada relato só veio a esclarecer alguns questionamentos que ela tinha, que sempre trouxera consigo, desde a infância. Nota-se que alguns relatos contados eram questionados por Taisha: "(...) digo que estou atarantada, que não tem cabimento o que dela ouvi, anos de buscas serem invalidados pela fala desta criatura?" (ALBUES, 2019, p. 88).

João Pedro era um homem muito inteligente, culto, conhecedor de diferentes áreas de conhecimento. Não só da bíblia, mas também entendia de questões de direito, filosofia e sociologia. Logo depois que deixou a batina, passou a auxiliar as pessoas com conselhos a respeito desses assuntos. Certamente, esse fato de ajudar muita gente, não só aqueles do pequeno vilarejo onde morava, mas

também os dos vilarejos vizinhos, fez com que a fama do ex-padre se prolongasse por vários anos e por diferentes locais, permanecendo nas memórias das pessoas daquela região. A própria Taisha reconhecia isso, sabia a importância de reconstituir orgulhosa os caminhos percorridos pelo homem-mito que seduziu e confrontou legiões de homens e situações das mais diversas.

## CONCLUSÃO

A ambientação da maioria das obras de Albuês reafirma o compromisso da escritora em resgatar as tradições, cultura, hábitos, costumes e dizeres do povo mato-grossense. Embora tal abordagem não pareça ser o foco principal das narrativas albuseanas, visto que as tramas são muito bem construídas, em meio a personagens intrigantes e histórias envolventes, emaranhadas de mistérios, além de possuírem denúncias sérias de relevância social. Em suas obras, Albuês redesenha o cenário de onde nasceu e viveu por um longo tempo, valorizando e propagando, dessa maneira, o povo e as particularidades de Mato Grosso.

Em *A travessia dos sempre vivos*, Albuês enfatiza o fantástico e o protagonismo feminino. A força, a coragem e a determinação são características bem demarcadas em Taisha, ao enfrentar, sozinha e destemida, conflitos e situações desafiantes e assustadoras como seres sobrenaturais, assombrações, lugares ermos e pessoas desconhecidas.

Quanto às questões identitárias, é evidente que somos seres em constante mutação e sempre em processo de (des)(re)construção de nossa identidade. Dentre os diversos aspectos que podem contribuir para as mudanças de nossa individualidade, a memória é o que mais influencia nesse processo, visto que voltar ao passado, lembrar, reviver momentos, é algo que faz pensar, refletir, ponderar e, muitas vezes redimensionar e redirecionar a vida. Com a personagem Taisha não foi diferente e, em vários momentos do romance, ela deixa evidente as mudanças pelas quais passara: aquela moça que saiu de casa não era a mesma ao fim da travessia.

Corroborando com essa ideia, ao fim da narrativa, Taisha encontra uma caravana de ciganos, momento em que descobre quem eram os seus descendentes, de onde ela vinha, quais eram as suas origens. Fechando, assim, o ciclo de peregrinação e autoconhecimento pretendido e traçado por ela, a busca pela reconstituição da história de vida de seu bisavô, a protagonista se encontrou, redescobrimo-se.



## REFERÊNCIAS

- ALBUES, T. *A travessia dos sempre vivos*. Cuiabá: Entrelinhas, 2019.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: UNICAMP, 2011.
- COELHO, N. N. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.
- FURTADO, F. *A construção do fantástico na narrativa*. Lisboa: Horizonte, 1980.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas: UNICAMP, 1990.
- MAGALHÃES, H. D. G. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain Francois et al. Campinas: UNICAMP, 2007.
- ROAS, D. *A ameaça do fantástico: aproximações teóricas*. Tradução de Julián Fuks. São Paulo: UNESP, 2014.
- RODRIGUES, S. C. *O fantástico*. São Paulo: Ática, 1988.
- SARLO, B. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- TODOROV, T. *Introdução à literatura fantástica*. 3. ed. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2008.

